

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO
12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
2006

1.ª FASE

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

1. CRITÉRIOS GERAIS DE CLASSIFICAÇÃO

- A indicação do número de palavras a utilizar em cada resposta tem carácter meramente orientador do grau de desenvolvimento pretendido, pelo que não se propõe qualquer penalização pelo incumprimento dessa indicação.
- Como os tópicos de conteúdo relativos a cada item não podem ser exaustivos, serão de aceitar respostas que, revelando conhecimento efectivo da obra em causa, foquem aspectos não previstos mas permitam, igualmente, corresponder ao solicitado.
- Quando, numa resposta, tiver sido atribuída a classificação de zero pontos a todas as competências de compreensão, de aplicação, de análise e de avaliação, as competências formais devem ser classificadas com zero pontos.

No GRUPO I:

- Se as respostas aos itens 1. e 2. forem relativas a obras diferentes, só será considerada, para efeitos de classificação, a resposta ao item 2.
- Se existirem respostas ao conjunto dos itens 1. e 2. sobre mais do que uma obra, só será classificado o primeiro conjunto de respostas.
- No item 2, a mera transcrição de frases do texto implica a classificação de zero pontos.

No GRUPO II:

- Se o examinando não identificar a obra e se o seu texto não tornar claro a que obra se está a referir, a resposta será classificada com zero pontos.
- A opção por mais do que um tema implica que seja classificada apenas a primeira resposta.

V.S.F.F.

114/C/1

2. CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

GRUPO I

Item 1	A – Relação entre os conceitos no contexto da obra OU B – Justificação de teses no contexto da obra		Cotação
	A	B	
Competências de compreensão, de aplicação e de análise	1. Explicação do significado de cada conceito no contexto da relação	1. Explicação do significado da tese	10 pontos
	2. Caracterização do tipo de relação entre os conceitos (convergência / oposição, interdependência, hierarquia)	2. Exposição de um argumento da obra para fundamentar a tese	10 pontos
	3. Explicação do significado da relação entre os conceitos no contexto da obra	3. Explicação do significado da tese no contexto da obra	10 pontos
Competências formais	4. Organização do discurso (ordem, coerência)		06 pontos
	5. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)		04 pontos

Total do Item 1 40 pontos

Item 1 – Tópicos de conteúdo

DA NATUREZA, Parménides

- A verdade é, tal como o ser, una e imutável. O ser não pode derivar do não-ser nem dar-lhe origem.
- A verdade e o ser são alcançados pela razão. Há identidade entre o que é, o que pode ser pensado e o que pode ser dito.
- A opinião opõe-se à verdade, porque, ao valorizar as aparências sensíveis, o devir, a diversidade e os contrários, confunde o ser com o não-ser.
- O filósofo deve trilhar a via da verdade e afastar-se da opinião.

GÓRGIAS, Platão

- A felicidade decorre da virtude, da justiça e do conhecimento do bem; opõe-se ao prazer enquanto satisfação dos apetites.
- O homem que vive para o prazer é ignorante e, conseqüentemente, é mau e infeliz.
- Pelo contrário, o homem sábio é aquele que conhece a verdade e o bem e, conseqüentemente, pratica-o. Toda a sua vida consiste na busca da sabedoria e no controlo dos prazeres corpóreos.
- O filósofo é o único cuja alma encontrará no Além a felicidade plena, como recompensa por uma vida dedicada à virtude.

FÉDON, Platão

- Os opostos em si mesmos não podem provir uns dos outros; eles rejeitam-se mutuamente.
- As coisas opostas são aquelas que contêm os opostos e que, enquanto tais, são designadas pelos nomes desses opostos.
- Quando as coisas não participam necessariamente de um oposto, podem dar origem a coisas opostas (por exemplo, uma coisa mais pequena pode tornar-se maior).
- Contudo, há algumas coisas opostas que, embora não se identifiquem com o oposto em si mesmo, por essência participam de um certo contrário (por exemplo, a neve participa, assim, do frio), pelo que também rejeitam o outro contrário (por exemplo, a neve rejeita o quente).
- Entre este último tipo de coisas opostas, está a alma, que jamais aceitará o oposto daquilo que traz sempre consigo, a vida. Por conseguinte, é não-mortal ou imortal.

CATEGORIAS, Aristóteles

- São ditas de um sujeito aquelas coisas que constituem a sua essência e, como tal, integram a sua definição. As coisas que são ditas de um sujeito nunca são individuais e numericamente umas, mas sim, universais.
- Existem num sujeito as coisas que não podem existir separadamente desse sujeito (embora não sejam suas partes). As coisas que existem num sujeito nunca são substâncias, mas sim, acidentes de alguma substância.
- Ser dito de um sujeito e existir num sujeito são os critérios segundo os quais são classificadas as coisas que existem. Esta classificação conduz à afirmação da prioridade ontológica das coisas que não são ditas de nenhum sujeito nem existem em nenhum sujeito, isto é, das substâncias primeiras, pois se estas não existissem, «nenhuma outra coisa poderia existir».

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

- Dizem-se ilimitadas as coisas nas quais não conseguimos encontrar nenhum limite. São infinitas as coisas em cuja ideia está positivamente incluída a ausência de limites.
- O termo infinito é, portanto, reservado para Deus, pois só Deus não possui, de facto, limites.
- A diferença entre ilimitado e infinito deriva da finitude do homem, a qual o pode impedir de reconhecer limites em coisas que efectivamente os têm.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

- Os objectivos da sociedade religiosa são o culto público de Deus e a salvação eterna. Aquele que viola as leis que permitem atingir esses objectivos separa-se efectivamente da sociedade, sendo legítimo excomungá-lo.
- O poder espiritual da Igreja exerce-se sobre as consciências. Quando um crente não cumpre as suas leis, e os conselhos se revelam ineficazes, resta à Igreja, como sociedade livre, o poder de excomunhão. No entanto, a Igreja não pode usar a coacção.
- Os bens civis estão sujeitos à tutela do magistrado, pelo que, ao excomungar, a Igreja não pode desrespeitar nem a pessoa nem os bens daqueles que considera heréticos.

DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

- Uma substância individual é um ser completo, de cuja noção é possível deduzir todos os predicados.
- A alma é uma forma substancial imperecível que, como todas as substâncias individuais, exprime todo o universo.
- Como toda a substância é perfeita espontaneidade e tudo o que lhe acontece é consequência da sua ideia ou do seu ser, a alma não é determinada por nada, excepto por Deus. Portanto, nenhuma

mudança no corpo afecta a alma.

- Nas substâncias inteligentes, a espontaneidade torna-se liberdade. Têm consciência do que são e fazem, bem como capacidade para descobrir verdades necessárias e universais. Têm também uma dimensão moral.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

- A boa vontade é aquela que se determina a si mesma, segundo leis dadas *a priori* pela razão e sem influência das inclinações.
- A inclinação resulta de uma vontade determinada de modo contingente pela lei moral e condicionada pelo propósito material, ou móbil *a posteriori* da acção.
- A boa vontade escolhe acções objectivamente necessárias, em conformidade com princípios objectivos e formais do querer, por mandamentos da razão prática, válidos para todo o ser racional.

Item 2	Análise do excerto e fundamentação da análise no contexto da obra	Cotação
Competências de compreensão, de aplicação e de análise	1. Exposição dos elementos do excerto que permitem responder ao item formulado (conceitos, teses, argumentos)	10 pontos
	2. Explicação da relação dos elementos do excerto com o item formulado	15 pontos
	3. Selecção dos elementos da obra para fundamentar a análise (conceitos, teses, argumentos)	15 pontos
	4. Autonomia na elaboração da resposta (não se limita a reproduzir conhecimentos genéricos, revela reflexão sobre os conteúdos)	07 pontos
	5. Utilização do vocabulário específico da obra	06 pontos
Competências formais	6. Organização do discurso (ordem, coerência)	10 pontos
	7. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)	07 pontos

Total do item 2 70 pontos

Item 2 – Tópicos de conteúdo

DA NATUREZA, Parménides

- Na via da verdade, há apenas duas possibilidades: ser ou não-ser.
- O ser não pode não ser; o não-ser não pode ser.
- Daqui decorrem os «sinais» do ser.
- O ser é homogéneo, porque não pode ser e não ser. Neste sentido, é uniforme, uno, indivisível, contínuo, não admitindo vazio nem intervalos ou partes.

- O ser é imóvel, porque não admite movimento nem mudança. O ser não se pode mover no espaço, porque, para tal, seria necessário aceitar a existência de espaços não ocupados pelo ser e, portanto, admitir a existência do não-ser. E não pode sofrer qualquer mudança interna, porque a mudança supõe a passagem do ser ao não-ser e do não-ser ao ser.
- Apenas na via da verdade é possível pensar e dizer o ser. Na via da aparência, forjada pela «bicefalia» dos mortais, ser e não-ser surgem confundidos e misturados, não permitindo nenhum discurso verdadeiro sobre um e outro.

GÓRGIAS, Platão

- Os dois modos de exercer o poder são o do sofista e o do filósofo: o sofista é um político ambicioso, cuja acção se caracteriza pela intemperança e pelo desejo de domínio sobre os outros; o filósofo exerce o poder com temperança e com base no saber e na virtude.
- Ao exercer o poder, o sofista mostra que não conhece a justiça; serve-se da adulação para manipular os cidadãos e desviá-los da virtude, pondo-os ao serviço dos seus interesses particulares e do seu desejo de domínio: orienta-se pela lei do mais forte.
- Pelo contrário, o filósofo exerce o poder e conduz a sua acção de modo a tornar os outros homens melhores. Ele é o único verdadeiro político, já que exerce a sua actividade de modo desinteressado, baseando-se no conhecimento da justiça e na razão.

FÉDON, Platão

- Os seres compostos, ao decomporem-se nos elementos mais simples que os constituem, desagregam-se e dissipam-se; pelo contrário, os seres simples, como não são compostos por outros elementos, não se podem decompor nem dissipar.
- Os seres compostos são mutáveis e «nunca permanecem idênticos», enquanto os seres simples são «constantes e idênticos a si mesmos». As coisas sensíveis são todas compostas, e as ideias são todas simples.
- No homem, o corpo assemelha-se ao sensível, a alma assemelha-se ao inteligível; portanto, quando a alma usa o corpo, este arrasta-a para as realidades que estão em contínuo devir; mas, quando a alma indaga «por si e em si» e se refugia no Além, «fica, em razão do seu parentesco, para sempre ligada a ele», ou seja, passa a existir em si e por si e assimila-se totalmente às ideias.
- Dada a semelhança da alma com as ideias, é muito provável que a alma que ao longo da vida se mantém pura e sem comércio com o corpo, concentrada em si e por si – a alma do filósofo –, se conserve, sem qualquer corrupção, não se desagregando nem extinguindo com a separação do corpo.

CATEGORIAS, Aristóteles

- A espécie é mais substância do que o género, por estar mais próxima da substância primeira, sendo, por isso, mais informativo predicá-la da substância primeira.
- A proximidade decorre do facto de os predicados essenciais da substância primeira que constituem a espécie serem de menor generalidade do que os que constituem o género.
- Por outro lado, o género predica-se de mais sujeitos do que a espécie, pois não se predica exclusivamente dos indivíduos que pertencem a uma mesma espécie. Também por isso, a espécie se aproxima mais da substância primeira, que não se predica de nenhum sujeito.
- As substâncias primeiras são sujeitos de todas as outras coisas, que delas podem ser predicadas ou nelas podem inerir. As espécies podem ser sujeitos dos géneros, mas o inverso não é possível.
- Tal como existe um primado da substância primeira sobre as segundas, existe também um primado da espécie sobre o género.

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

- É evidente que o nada não pode originar nada e que o menos perfeito não pode originar o mais perfeito.
- Portanto, se temos a ideia de algo, tem de existir algures, «seja em nós, seja fora de nós, algum arquétipo que contenha a coisa e todas as suas perfeições».
- Ora, nós temos a ideia de Deus como um ser em que existe «efectivamente a plenitude de todas as perfeições».
- Mas nós somos menos perfeitos do que este ser.
- Logo, tem de haver um ser dotado de todas as perfeições, isto é, Deus, o qual seja a causa da ideia que em nós existe.
- Todo aquele que conhece algo mais perfeito do que ele não pode ter-se criado, pois, se o tivesse feito, teria dado a si próprio todas as perfeições que é capaz de pensar.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

- As assembleias religiosas, porque não põem em causa a autoridade do Estado, não devem ser proibidas e devem ser tratadas como qualquer outra assembleia de carácter civil.
- As opiniões semelhantes em matéria de religião não implicam a conspiração contra o Estado. As conspirações não derivam da natureza das assembleias, mas da perseguição, da opressão e da intolerância religiosas, que conduzem à clandestinidade.
- As conspirações e as lutas não subsistem quando todas as Igrejas defendem a tolerância religiosa e se abstêm de coagir as pessoas em matéria de consciência, e quando o magistrado não favorece as assembleias da sua própria Igreja nem proíbe e persegue as demais.
- O magistrado deve conceder os mesmos direitos civis a todos os cidadãos, independentemente da religião que professam, devido à liberdade de consciência.

DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

- Nada acontece fora da ordem: mesmo os acontecimentos considerados milagrosos obedecem à ordem geral do universo. O facto de serem vistos como milagres deve-se às limitações das criaturas, pois, como lhes falta o conhecimento completo da harmonia geral do universo, ignoram algumas razões que subjazem à vontade divina. Essas razões constituem excepções às máximas subalternas que, por obedecerem a um «costume» de Deus, são designadas por natureza das coisas. Contudo, não são excepção à mais geral das leis de Deus, que regula toda a sequência do universo.
- Também as acções humanas estão integradas na ordem geral do universo. As que são intrinsecamente boas são desejadas e ordenadas por Deus. As que são intrinsecamente más e só se tornam boas devido às suas consequências apenas são permitidas por Deus, tendo em vista o maior bem produzido pela série em que se integram.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

- O respeito moral, sinal do limite da nossa arbitrariedade, é devido apenas às pessoas, porque somente estas possuem uma existência com valor absoluto, intrínseco, que lhes é dado pela sua própria natureza e não pela sua relação com algo exterior.
- As coisas não têm valor intrínseco e, por isso, não podem limitar o nosso arbítrio. As coisas têm valor condicional e subjectivo, valem apenas como meios para a satisfação dos interesses e são objecto das nossas inclinações.
- Todo o ser racional deve ser tratado sempre como um fim em si mesmo, princípio objectivo da vontade. Não pode ser usado como meio para a satisfação de interesses nem lhe pode ser atribuído um preço.
- Da dignidade do ser racional, dotado de vontade autónoma e concebido como legislador universal dos seus princípios, deriva o reino dos fins.

GRUPO II

Item único	Desenvolvimento do tema	Cotação
Competências de compreensão, de aplicação, de análise e de avaliação	1. Relação do tema com o horizonte temático da obra	10 pontos
	2. Integração do tema na estrutura argumentativa da obra (relação com conceitos, teses, argumentos)	20 pontos
	3. Avaliação do modo como o autor trata o tema na obra	10 pontos
	4. Autonomia na elaboração da resposta (não se limita a reproduzir conhecimentos genéricos, revela reflexão sobre os conteúdos)	10 pontos
	5. Utilização do vocabulário específico da obra	06 pontos
Competências formais	6. Adequação do plano organizador à resposta	10 pontos
	7. Organização do discurso (ordem, coerência)	15 pontos
	8. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)	09 pontos

Total do Grupo II 90 pontos

Tópicos de conteúdo

O MESTRE, Santo Agostinho

Tema: Linguagem e conhecimento

- Com a locução pretende-se ensinar e memorizar. Mas nada aprendemos ou podemos conhecer por intermédio das palavras, já que estas apenas nomeiam as coisas sem as mostrar.
- É o conhecimento da realidade que permite o conhecimento do significado das palavras e não o inverso.
- O conhecimento das coisas é obtido por intermédio dos sentidos, pelo contacto directo com as próprias coisas; o conhecimento das verdades obtém-se por intermédio do intelecto e da razão, da contemplação da Verdade interior, que permite distinguir o verdadeiro do falso.
- O valor das palavras está em dirigir o pensamento para as coisas e em incitar-nos a buscar o conhecimento destas. O conhecimento utiliza a linguagem como meio, mas sem o conhecimento das coisas, a linguagem não seria possível.

PROSLOGION, Santo Anselmo

Tema: A compreensão da natureza divina

- O homem crê em Deus e ama-O; por conseguinte, deseja entendê-Lo e procura a Sua verdade: a fé é condição do entendimento.
- Entender que Deus é o «ser maior do que o qual nada pode ser pensado» implica que Ele esteja no intelecto do homem e exista necessariamente, embora transcendendo a compreensão humana.
- O homem não vê Deus tal como Ele é, porque os sentidos da sua alma «foram obstruídos pelo torpor inveterado do pecado» e por causa do fulgor e da imensidade de Deus.
- Mas o homem pode compreender que Deus tem necessariamente de ser tudo aquilo que é melhor ser do que não ser: sensitivo, onnipotente, misericordioso, impassível, sumamente justo, eterno, incircunscrito, uno.
- Deus é o ser que não carece de nada nem de ninguém, «e de quem todas as coisas precisam para existirem e bem existirem».

O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

Tema: O ente no modo real e no modo proposicional

- No modo real, ente significa, em primeiro lugar, aquilo que participa do ser, a existência real e subsistente, a substância e as suas determinações. Distribui-se nas dez categorias. Somente neste modo se pode falar de essência.
- No modo proposicional, ente significa a verdade das proposições. Neste sentido, pode usar-se em proposições afirmativas que podem não possuir conteúdo existencial (por exemplo, quando afirmamos privações ou negações).
- Existe um primado do modo real sobre o proposicional, na medida em que a verdade ou a falsidade das proposições é um reflexo daquilo que as coisas são ou não são.

RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

Tema: Iluminação divina e conhecimento humano

- Deus é a origem de toda a iluminação e, simultaneamente, o fim para o qual se dirigem todas as luzes, ou lumes.
- A sabedoria de Deus, que aparece na Sagrada Escritura, está oculta em todo o conhecimento e em toda a natureza.
- Toda a iluminação do conhecimento é interior mas, através da razão, podemos distinguir diferentes lumes: o lume exterior, da arte mecânica, o lume inferior, do conhecimento sensitivo, o lume interior, da filosofia, e o lume superior, da graça e da Sagrada Escritura.
- Todos os conhecimentos se ordenam para o conhecimento da Sagrada Escritura, na qual se encerram e aperfeiçoam e por meio da qual «se ordenam à iluminação eterna». As ciências formam uma hierarquia que reflecte a Trindade.
- Como tudo o que existe são símiles do Ser, o conhecimento só é possível graças a uma similitude entre os órgãos do conhecimento e os objectos a que se aplicam.

INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel

Tema: O absoluto enquanto conteúdo da religião e da filosofia

- O absoluto ou infinito é, por excelência, o conteúdo da religião e da filosofia.
- Historicamente, o absoluto manifestou-se primeiro na religião. Contudo, nela não há consciência do absoluto como tal, mas apenas o sentimento de submersão num ser incondicionado. Pelo contrário, na filosofia, o absoluto torna-se consciente como Ideia.
- O conteúdo da religião é dado pela representação e pela percepção exterior imediata, pelo sentimento e pela arte. No culto religioso, há uma primeira superação da oposição entre o ser absoluto (que é sentido como estranho) e a consciência humana, pela vivência da unidade com Deus.
- A filosofia é superação do sentimento religioso de absoluto, na medida em que ultrapassa a estranheza do absoluto para a consciência. A filosofia é a ciência da Ideia, pois o seu objecto é a Ideia enquanto unidade concreta.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

Tema: A emergência da filosofia moderna

- A emergência da filosofia moderna deve-se ao gradual enfraquecimento do espírito de sistema: a crítica substitui o dogmatismo e, progressivamente, caminha-se para a síntese do pensamento moderno.
- Contra a pura abstracção e o formalismo dialéctico do pensamento antigo, o pensamento moderno tende para o realismo, subordina a lógica à metafísica, não apresenta a realidade como simples emanacção do ser em si absoluto, rejeita a cisão entre matéria e forma, entende o movimento como criação em permanência, concebe a necessidade dos factos como expressão da própria natureza dos seres, não fracciona a realidade em categorias fechadas e faz do universo um ser vivo que obedece apenas às tendências espontâneas do seu próprio movimento.
- As noções que permitem distinguir a filosofia moderna da filosofia antiga são as de força, lei, imanência, ou espontaneidade, e desenvolvimento, noções essas que surgem e evoluem também com a ciência moderna.
- O processo de emergência da filosofia e da ciência modernas acompanha a formação da concepção moderna do universo: este apresenta-se como «o ser de ilimitada e infinita expansão», que tira de si mesmo criações cada vez mais completas.

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche

Tema: O ser e o saber científico

- O ser, o Uno Primordial, a coisa em si, é actividade de criação e de destruição, que afirma a vida como contradição, pluralidade.
- A verdade do ser manifesta-se na tragédia enquanto revelação, expressão da sabedoria dionisíaca. Só esta é capaz de acolher a vida na sua totalidade e dissonância.
- O saber científico é produto do homem teórico, dominado pelo princípio da individuação e, por isso, incapaz de acolher os aspectos místicos e mais terríveis da realidade. Resulta da valorização da abstracção e da causalidade, da suposta universalidade da razão. Transforma a ilusão apolínea em esquematismo lógico e esconde o fundo dionisíaco da realidade.
- A marca do homem teórico na arte é o socratismo estético, que se traduz na procura da inteligibilidade e na sobrevalorização da acção, que destrói a paixão e o instinto. A concepção teórica do mundo e da vida foi responsável pela morte da tragédia ática.

DA CERTEZA, Wittgenstein

Tema: Aprendizagem e jogo de linguagem

- Aprender é adquirir crenças que tornam possível o uso de jogos de linguagem.
- Aprendemos primeiro a «estabilidade das coisas» e só depois sujeitamos o padrão, ou norma, a variações.
- Um jogo de linguagem consiste em aplicar regras que aprendemos através do uso, não explicitamente. Da prática dos jogos de linguagem resulta uma imagem do mundo.
- Todo o sujeito opera com base num sistema de crenças que é anterior ao saber e que, enquanto espaço dos jogos de linguagem, constitui o fundamento do saber.

PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho

Tema: Ontologia da saudade

- Uma ontologia da saudade pressupõe o sentimento de saudade, isto é, o «estar saudoso», enquanto realidade psíquica que se traduz pela consciência de algo ausente cuja presença se deseja; mas exige também uma posterior investigação do que é «ser saudoso», em que consiste a dimensão ontológica da saudade.
- O problema da saudade não é cognitivo nem prático, é ontológico, porque procede do facto de na saudade se dar, a um tempo, o ensimesmar-se – observação interior da consciência – e o exsimesmar-se – observação dos objectos ausentes que o sujeito deseja tornar presentes.
- Na saudade, coexistem o «ser para o sujeito» e o «sujeito para o ser».
- A coisa de que há saudade é, por um lado, um acontecimento numa consciência individual e é, por outro lado, uma relação. Não existe saudade em si, independentemente das vivências pessoais e dos objectos a que se reporta. A saudade é sempre «saudade de».
- A consciência saudosa evoca o modo pessoal e sentimental como afectaram o sujeito factos e realidades por ele vividos.

ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty

Tema: Intersubjectividade e ambiguidade

- A filosofia não é um diálogo do filósofo com a verdade, um juízo superior sobre a vida, o mundo e a história, como se a filosofia estivesse fora deles. A verdade é encontrada na contingência e no devir histórico.
- A verdade descobre-se por meio da interioridade, da intersubjectividade das relações humanas. Sem os outros, não há verdade, mas estes não bastam para fazer ou nos impor a verdade. Não há saber absoluto e, por isso, estamos abertos à verdade.
- O filósofo utiliza a ambiguidade como método, rejeita os pontos de vista absolutos e as verdades parcelares. A ambiguidade implica a distanciação crítica ou a ironia que tornem patente a «verdade integral».

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell

Tema: A existência da matéria

- A incerteza sobre a existência independente dos objectos físicos gera a incerteza sobre a existência independente dos corpos das outras pessoas e das outras mentes. (Hipótese do mundo exterior como um mero sonho.)

- É impossível provar a existência de outras coisas para além de nós e das nossas próprias experiências. Não podemos alegar a existência de um objecto, defendendo que várias pessoas o observam, porque nesta alegação já está pressuposta, independentemente, a existência de outros objectos para além de mim próprio, designadamente dos outros observadores.
- A hipótese de que o mundo se reduz a «mim» e aos «meus» pensamentos, sentimentos e sensações, de que criamos todos os objectos que nos aparecem, não origina quaisquer consequências logicamente absurdas ou impossibilidade lógica.
- No entanto, não há qualquer razão para supormos que a hipótese de a vida ser um sonho é verdadeira. É mais simples a hipótese do senso comum, que afirma existirem objectos independentemente de os percepcionarmos e cuja acção sobre nós é causa das sensações.
- A crença num mundo exterior e independente é instintiva e, como não origina quaisquer dificuldades, simplifica e sistematiza a nossa descrição das experiências. Não há nenhuma razão para rejeitá-la.

SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger

Tema: A pergunta pelo ser e a história

- A pergunta pelo ser inaugura a história, pois origina a desocultação do ente no seu todo. A ek-sistência do homem enquanto ser histórico começa no momento da sua abertura.
- Na pergunta pelo ser, o não-velamento é experimentado pela primeira vez, e o ente descobre-se como *physis*, como natureza entendida como presença nascente.
- A abertura ao ente no seu todo significa liberdade, que é exposição ou desvelamento do ente. A pergunta pela verdade revela a liberdade como essência da verdade.
- No homem histórico, a desocultação do ser pressupõe a ocultação do ente no seu todo. E, com ele, surgem a aparência e a não-essência da verdade. A não-verdade provém da própria essência da verdade.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricœur

Tema: O modelo estrutural da linguagem e os seus limites

- O modelo estrutural distingue língua (*langue*) e fala (*parole*). Entende a língua como código no qual se produz a fala, enquanto mensagem particular.
- O código é colectivo, não-intencional, sistemático, impõe-se a uma dada comunidade linguística, apresenta-se sincronicamente. A mensagem é individual e intencional, arbitrária e contingente; consiste numa sucessão de eventos, segundo a dimensão diacrónica da linguagem.
- O modelo estrutural privilegia o estudo científico da língua sobre o do discurso e está ligado à emergência da semiótica. Esta ciência privilegia a abordagem sincrónica e sistemática, na qual cada elemento apenas recebe significação por relação com os outros elementos do sistema.
- No modelo estrutural, a linguagem constitui um mundo próprio e não aparece como mediação entre as mentes e as coisas. A linguagem desaparece como discurso.
- A superação do modelo estrutural dá-se pela abordagem bidimensional da linguagem, a qual reflecte a dualidade das suas unidades básicas irreduzíveis: o signo e a frase.
- A análise semântica introduz a dialéctica do evento e da significação, na qual a linguagem, enquanto evento, não se reduz aos aspectos estruturais da língua e, enquanto significação, é também referência ao mundo.